

CARO(A) PROFESSOR(A),

Vamos dar início às inscrições para a sexta edição do Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem. E nesta oportunidade, para que possamos encontrar juntos os caminhos da melhoria do quadro educacional do País, quero estabelecer um diálogo constante com você.

Os resultados das avaliações educacionais, realizadas pelo Ministério da Educação, mostram as dificuldades enfrentadas por você no seu dia-a-dia e apontam, claramente, para a necessidade de mudarmos a Educação no nosso País.

O primeiro passo para vencermos essa batalha é combater as desigualdades sociais, marcadas aqui pelos irrelevantes gastos educacionais na maioria da nossa rede pública de ensino.

Todos os anos, milhares de crianças e jovens situados na linha da pobreza ou abaixo dela são excluídos das salas de aula. Tornam-se vítimas do baixo padrão de vida, da falta de conhecimento, da violência. É uma guerra árdua, mas que pode ser vencida se tivermos o comprometimento de todas as esferas de governo e também da sociedade.

Enfrentar esse desafio é, sobretudo, um compromisso meu, como ministro da Educação do Brasil. E o desafio é seu também, como responsável pela formação escolar das cidadãs e dos cidadãos brasileiros.

Como professor, sei que qualificação e remuneração digna são condições fundamentais para que o nosso objetivo seja alcançado. Assim, propus a ampliação de vagas nos cursos de licenciatura e a criação do piso nacional dos salários para os docentes.

Outro ponto que considero importante para melhorarmos a qualidade do nosso ensino é a avaliação do seu trabalho.

Por isso, solicito que estimule o seu aluno a fazer o Enem e discuta os resultados na escola: o Exame é instrumento valioso na promoção de um ensino de qualidade.

O nosso objetivo é fazer uma escola do tamanho do Brasil, para todas as nossas crianças e nossos jovens.

Receba meu respeito, minha admiração e minha convicção: conto com você, meu caro professor, para a transformação que buscamos e que juntos realizaremos.

CRISTOVAM BUARQUE*Ministro da Educação*

Carta ao professor

3



LUNA FARIA

A cara do Ensino Médio

5



Em busca de uma educação de qualidade

10

As competências e habilidades do Enem

16



Análise das questões do Exame

19

Informações sobre o Enem

22



Estatísticas Básicas do Ensino Médio – Brasil – 2002

Variáveis	Ensino Regular			Educação de Jovens e Adultos ^[2]		
	Total	Pública	Privada	Total	Pública	Privada
Matrículas	8.710.584	7.587.684	1.122.900	874.001	661.188	212.813
Funções Docentes	468.310	352.785	115.525	51.882	36.781	15.101
Estabelecimentos	21.304	14.771	6.533	4.811	3.333	1.478
Turmas	234.199	199.770	34.429	22.875	16.758	6.117
Concluintes ⁽¹⁾	1.855.419	1.493.436	361.983	364.905	243.457	121.448

Notas: (1) Concluintes de 2001 (2) Educação de Jovens e Adultos nos Cursos Presenciais com Avaliação no Processo

Fonte: MEC/INEP

A CARA DO ENSINO MÉDIO

O Ensino Médio no Brasil ainda é uma realidade distante para muitos jovens. Segundo dados levantados a partir do Censo Escolar, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação (Inep/MEC), de cada 100 crianças que ingressam na primeira série do ensino fundamental, consideradas as taxas de repetência, promoção e evasão atuais, apenas 40 vão concluir a educação básica.

O levantamento mostra que, mesmo com o crescimento dos últimos anos – em 2002 eram 8,7 milhões de alunos –, uma grande parcela da população ainda não consegue chegar a este nível de ensino. Apesar de 83% dos jovens entre 15 e 17 anos estarem na escola, apenas 33% frequentam

o ensino médio.

Além do problema do acesso, um outro componente da situação do ensino é a desigualdade entre as diversas regiões brasileiras. Enquanto na Região Sudeste a taxa esperada de conclusão da educação básica é de 49%, na Região Norte, ela não ultrapassa os 27%. As diferenças também são marcantes quando se analisam os indicadores de eficiência do ensino. Enquanto a taxa de repetência no ensino fundamental na Região Sudeste é de 12%, na Norte chega aos 30% e na Nordeste é perto de 31%.

“Na sociedade democrática a educação tem que ser igual e para todos. Esta é a preocupação que deve orientar qualquer política pública”, afirma o secretário de Ensino Médio e Tecnológico do Ministério da Educação (Semtec/

MEC), Antônio Ibañez. Uma medida defendida pelo secretário para tornar mais igualitário o acesso ao ensino médio é fazer com que a sua oferta seja obrigatória. “Nosso governo está pensando nisso. Está em discussão tornar o ensino médio obrigatório progressivamente”, explica. Segundo ele, a intenção é fazer, inicialmente, que a 1ª série seja obrigatória e, posteriormente, ir ampliando aos poucos essa medida para as demais séries.

Essa proposta resgata o que foi estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A lei de 1996, além de fixar como dever do Estado a oferta gratuita e obrigatória do ensino fundamental, estabeleceu também a *progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio* (art. 4º, II).

Otaviano Helene, presidente do Inep, também defende a obrigatoriedade. Para ele, na prática, o que se aprende no ensino médio é condição necessária para garantir o direito de cidadania ante a sofisticação da vida, em particular nas regiões urbanas do País. “Só o ensino fundamental não permite isso; vivemos num mundo muito mais complexo do que há 50 anos. Nesse contexto, o ensino médio é essencial para que qualquer pessoa possa se inserir na vida adulta como cidadão, com capacidade para enfrentar as dificuldades e entender o mundo”, afirma.

Qualidade – Além da questão do acesso, os novos estudantes que deverão ingressar no ensino médio nos próximos anos irão se deparar com diversos problemas de infra-estrutura, insumos, salário e formação dos professores, questões que refletem diretamente na qualidade do ensino. Segundo dados do Censo, 51% dos alunos do en-

sino médio estudam em escolas sem laboratório de ciências, e 48% não têm acesso à Internet.

Para o presidente do Inep, a grande maioria das escolas públicas e muitas da rede privada têm orçamentos por aluno bastante baixos, o que faz com que o ensino seja qualitativamente fraco. A média de gasto aluno/ano nas escolas públicas do País, considerando o investimento das três esferas de governo, é cerca de R\$700,00 no ensino médio. “Não é possível que tenhamos uma escola de qualidade com este gasto; é preciso urgentemente aumentar o nível de investimento público na educação”, pondera.

A questão do financiamento público na educação, com a ampliação de recursos, é também a preocupação do presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), Igor Bruno de Freitas Pereira. Ele acredita que esta deva ser a primeira medida para

melhorar as condições das escolas e a qualidade da educação. “Existem escolas em que o jovem não tem acesso à Internet, não tem biblioteca, não tem luz, não tem cadeira, e isso prejudica a qualidade da educação, obviamente. É preciso melhorar a infra-estrutura, dar condições para o jovem estudar.”

Para o presidente da Ubes, uma outra questão que precisa mudar é a gestão escolar, que deve ser mais democrática. “As leis que regem as escolas são punitivas para os estudantes. É necessário mais debate coletivo dentro da comunidade escolar, os estudantes devem se sentir parte da escola, o que, com certeza, ajudaria a melhorar a educação em nosso País”, diz. Ao mesmo tempo, Igor Bruno defende a valorização do papel do professor, com a melhoria dos salários. “Não tem como o professor que trabalha em várias escolas dar uma boa aula; ele não tem tempo para corrigir o trabalho, para preparar a sua aula”.

Já o presidente do Inep aponta outros problemas como o pequeno número de horas de permanência na escola por dia, a falta de professores bem formados em nível superior, assim como a carência de docentes, principalmente em áreas como matemática, física, química e biologia. “Deve-se adicionar aí o problema salarial do professor, principalmente da rede pública, mas, também, de grande parte da rede privada, o que acaba sendo um fator de desmotivação”, conclui.

O reflexo das condições gerais do sistema educacional brasileiro





Metade dos alunos do ensino médio estuda em escolas sem laboratório de ciências

está estampado nos resultados das avaliações realizadas pelo Inep, como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A última edição do Saeb, realizada em 2001, demonstra que, tanto em Matemática como em Língua Portuguesa, a grande maioria dos alunos da 3ª série do ensino médio não apresenta as habilidades adequadas de leitura e de compreensão matemática para a série.

Os resultados do Enem expõem a mesma situação. Em 2002, a média dos estudantes das escolas públicas na parte objetiva da prova foi de 30, numa escala de 0 a 100. Com isso, 84,5% dos estudantes ficaram situados no pior patamar de resultados, de insuficiente a regular. As médias das escolas no Exame mostram ainda que, entre aquelas com os melhores resulta-

dos, não há nenhum estabelecimento público típico, com exceção de alguns colégios universitários, escolas militares e instituições técnicas federais e estaduais.

Algumas alternativas que alteram o quadro atual estão sendo discutidas pelo Ministério da Educação. O secretário de Ensino Médio e Tecnológico aponta, por exemplo, a concessão de bolsas para universitários em que a licenciatura seja um dos critérios para que o jovem estudante possa receber o benefício. “Esse é um incentivo para que o aluno permaneça na licenciatura, porque, hoje, a evasão nessa área é muito grande. Por outro lado, o ministro Cristovam Buarque tem colocado em discussão a questão do piso salarial nacional”, diz Ibañez. Em relação ao material didático, uma proposta do MEC consiste em estender a doação do livro didático para o

ensino médio, como acontece hoje com o ensino fundamental.

Identidade – Uma outra questão vem à tona quando a discussão abrange os três últimos anos da educação básica: é a função e a identidade do ensino médio. A LDB estabelece que o Ensino Médio faça *a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores* (art. 35, II).

O perfil deste nível de ensino está descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), e têm caráter obrigatório para todas as escolas. O Ministério da Educação produziu também os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), conjunto de orientações

e recomendações que servem para apoiar o trabalho dos professores. Apesar das Diretrizes e dos Parâmetros, a carência de definição da identidade do ensino médio ainda persiste, principalmente porque a discussão só chegou parcialmente ao local onde a educação de fato acontece: na escola.

A presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Juçara Dutra Vieira, explica que o ensino médio vive historicamente uma crise de identidade. “A escola não resolveu a sua relação com o mundo do trabalho. Na reforma de 1971, por exemplo, a orientação do ensino foi no sentido da subordinação da escola a interesses do mercado”. Por outro lado, ela também condena a orientação que a escola passou a ter na preparação dos alunos para o vestibular, “mesmo sabendo que uma parte muito pequena deles ingressa no curso superior”, diz.

Para ela, o ensino médio deve tentar resolver a questão da profissionalização em conjunto com a formação mais ampla, humanística e cultural. “O ensino médio tem que dar conta das duas coisas: a conquista da cidadania, que significa o preparo para a vida na sociedade, e a inserção no mundo do trabalho”.

Essa visão encontra consonância com a de Antônio Ibañez. “O ensino médio, como etapa finalística da educação básica, implica que a pessoa esteja apta a ser um cidadão. E isso não significa que é cidadão só aquele que vai para a universidade. Cidadão é uma pessoa que está apta a enfrentar a vida, seja entrando numa escola

técnica, seja ingressando no mundo do trabalho ou em um curso superior”. Para ele, o ensino médio, hoje, não oferece os conhecimentos suficientes para que o jovem faça a melhor opção para enfrentar a vida.

Uma proposta de Ibañez é a inclusão de um quarto ano no ensino médio. “Nesse quarto ano, o aluno poderia se preparar melhor para fazer as suas opções. Se quiser ir para a universidade, vai ter condições de estudar, com uma carga horária maior, porque vai ter um ano a mais

e a identidade do ensino médio deveriam ser definidos em um debate nacional sobre o assunto. “Observamos que todas as iniciativas que começam com as diretrizes curriculares de alguma forma setorizam a questão da educação e pensam em resolver na ponta o processo. Eu acho que, para chegar a essas diretrizes curriculares, nós teríamos que pensar mais amplamente”, afirma.

Para ela, o exemplo dos chamados conteúdos transversais para o ensino fundamental são emblemá-



nas disciplinas que são fundamentais para ir para a universidade. Se o jovem quer trabalhar logo após a conclusão do ensino médio, ele pode ser qualificado em informática ou instalações prediais, por exemplo, de modo a facilitar a sua entrada na vida do trabalho. Caso queira ir para um curso técnico, neste quarto ano ele pode fazer algumas disciplinas que o orientem para saber qual o melhor curso ou qual é a habilidade que ele gosta mais e mais se adequa ao seu perfil”, conta.

Debate nacional – A presidente da CNTE acredita que o papel

deles dessa situação. “Eles não modificavam absolutamente o comportamento na escola, por isso eram chamados de conteúdos tangenciais. Tratar primeiramente de currículo parece que tem sido a forma tradicional de tentar modificar a dinâmica na escola, mas é sempre começar por onde deveria terminar”.

Para a Juçara Dutra Vieira, um grande debate sobre o formato da educação básica poderia ser o ponto de partida para responder à necessidade da formação integral e do preparo para o mundo do trabalho. Nesse debate seriam

definidas as responsabilidades das agências formadoras, da escola, do governo federal e, também, dos conselhos de educação. “Ao mudar o currículo primeiro, você começa por aquilo que deveria retratar toda uma concepção, e acaba-se responsabilizando individualmente o professor ou a escola pelo resultado. Quer dizer, o governo propôs, está aqui o novo currículo, não deu certo porque a escola não deu conta desse processo”, explica.

Na discussão, o presidente da

Avaliação – A avaliação do ensino médio, assim como dos demais níveis de ensino, faz parte do debate nacional em torno da qualidade da educação. A presidente da CNTE considera necessária a avaliação, no entanto entende que ela deveria incidir sobre o processo e não simplesmente sobre resultados finais, e que também deveria contemplar as condições diferenciadas dos alunos e das escolas, sejam regionais, sejam de condição econômica ou de localização.

ponto de vista de correção de rota no processo”, afirma.

Para Antônio Ibañez, a avaliação deve permitir a intervenção na realidade que leve à construção de políticas públicas que tornem a educação mais equânime e justa. Por outro lado, ele expressa preocupação com o fato de um exame ser realizado apenas no último ano do ensino médio, como é o caso do Enem. “O aluno pode se sentir frustrado e dizer: eu também gostaria de saber, ao longo do meu percurso na escola, como é que eu estava. Porque só no final eu fui saber que estava mal. Assim, eu acho problemático só um exame; deveriam ter duas ou três avaliações ao longo da educação básica”.

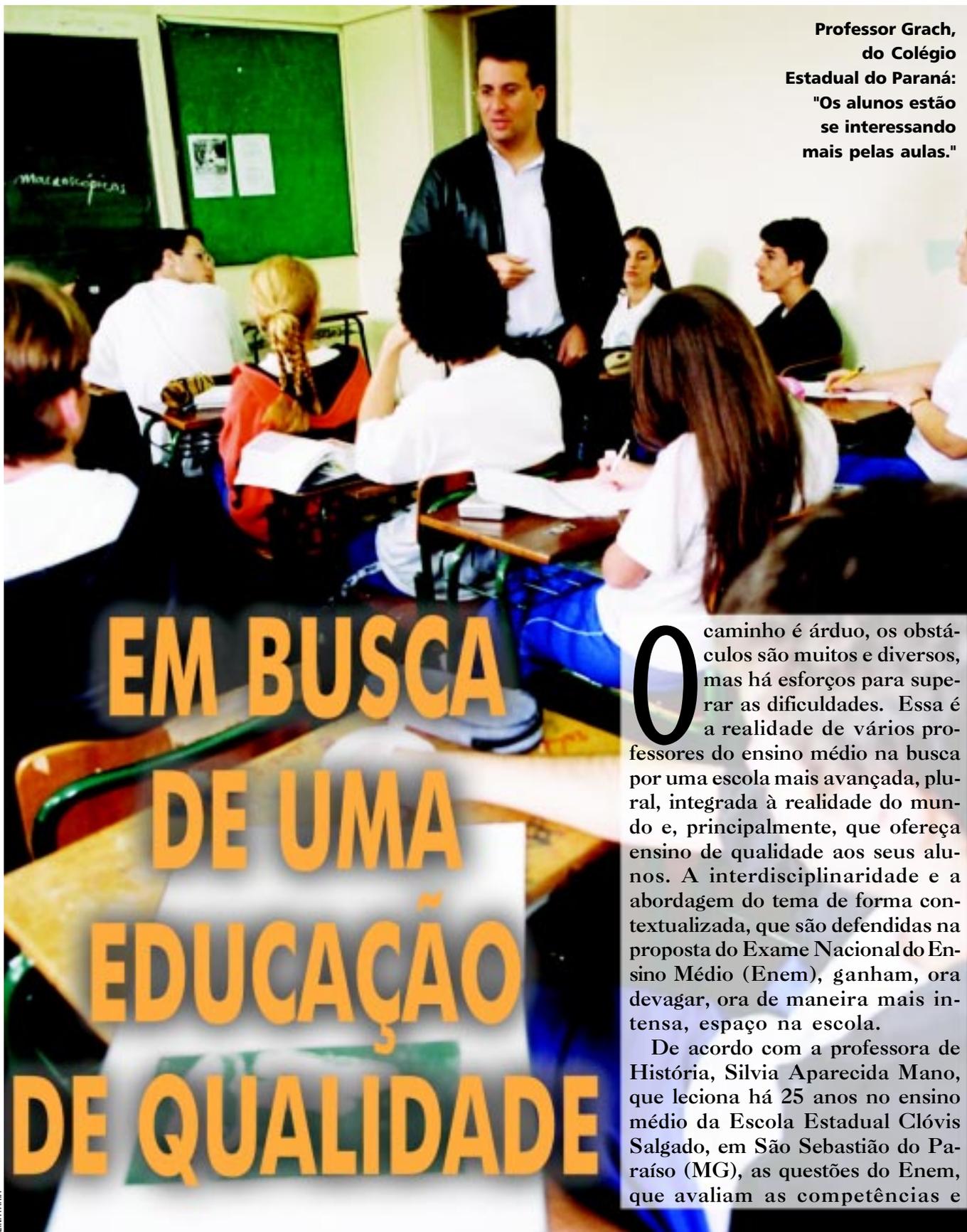
Já Igor Bruno defende que um sistema de avaliação deva conseguir diagnosticar todos os problemas da escola: a infra-estrutura, como funciona a escola, como são as aulas dos professores e o que os estudantes aprendem. “Só com a avaliação do estudante, não é possível fazer um diagnóstico; o que falta no Brasil é uma avaliação que aponte as deficiências e sirva para resolver os problemas”, explica.

Apesar de não existir consenso em torno de qual seria o melhor formato para a avaliação da educação básica, todos concordam que ela tem que estar comprometida com a melhoria da educação, posição que é resumida pela presidente da CNTE. “Uma avaliação que tem em vista elevar o patamar de qualidade para toda a população é uma avaliação que possui uma concepção de que a educação deve ser útil, deve ser uma estratégia dentro de um projeto de mudança social”, finaliza.



Ubes é bastante pragmático ao definir seu ponto de vista: “a escola é chata”, diz categórico. “Sou estudante do ensino médio da Escola Técnica Visconde de Mauá, no Rio, e noto, tanto na sala de aula como conversando com meus colegas, que há uma grande falta de interesse pelas matérias. As aulas não incentivam o estudante a investigar, a sempre tentar saber mais.” Segundo ele, o aluno hoje em dia é ensinado a repetir, a decorar. “O estudante tem que aprender a pensar”, enfatiza.

“Não tenho dúvida de que é importante ter uma radiografia do ensino, mas uma das grandes dificuldades que nós encontramos na educação é lidar com a avaliação dos alunos e do trabalho dos educadores. Essa dificuldade se dá em grande medida pelo fato de que acaba sendo uma avaliação igual para desiguais com condições desiguais, e, também, porque ela quase sempre é uma avaliação de resultados e não de processos. E sendo uma avaliação de resultados, em geral, não modifica a realidade do



**Professor Grach,
do Colégio
Estadual do Paraná:
"Os alunos estão
se interessando
mais pelas aulas."**

EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

O caminho é árduo, os obstáculos são muitos e diversos, mas há esforços para superar as dificuldades. Essa é a realidade de vários professores do ensino médio na busca por uma escola mais avançada, plural, integrada à realidade do mundo e, principalmente, que ofereça ensino de qualidade aos seus alunos. A interdisciplinaridade e a abordagem do tema de forma contextualizada, que são defendidas na proposta do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), ganham, ora devagar, ora de maneira mais intensa, espaço na escola.

De acordo com a professora de História, Silvia Aparecida Mano, que leciona há 25 anos no ensino médio da Escola Estadual Clóvis Salgado, em São Sebastião do Paraíso (MG), as questões do Enem, que avaliam as competências e

habilidades desenvolvidas pelos estudantes ao longo da educação básica, tornaram-se importantes subsídios na preparação dos projetos pedagógicos: “As questões são estudadas pelos professores nas reuniões e as levamos para discutir com os alunos. Atualmente, os professores de Literatura, História e Gramática trabalham com os temas de redação propostos no Enem desde o primeiro ano do ensino médio.”

Como em algumas escolas faltam exemplos práticos de como abordar as questões de forma interdisciplinar e contextualizada, o Enem tem sido utilizado para provocar mudanças na forma de avaliar. Professora de Língua

Portuguesa há 20 anos na Escola Estadual Odilon Batista Jordão, em Pilar do Sul (SP), Rita Aparecida de Proença Carvalho afirma que o Enem tem estimulado a criação de novos exercícios para a turma: “Em uma das minhas aulas, sugeri aos alunos que fizessem uma redação falando como seria a vida deles daqui a 15 anos. A partir daí, podemos notar que alguns têm uma visão muito clara daquilo que querem e outros dizem o que querem, mas não conseguem explicitar isso. É um trabalho que nos possibilita corrigir os rumos do aprendizado.”

Guia — Em consonância com a proposta do Enem, o professor de História do Centro de Ensino

Médio do Setor Oeste, em Brasília (DF), Chase Stanley, tem promovido junto aos alunos visitas a uma série de exposições, reforçado o trabalho interdisciplinar e discutido as questões do Exame, com o objetivo de dar ao aluno um maior potencial para ter mais liberdade de escolha no futuro. “A escola tem dado muita ênfase aos projetos interdisciplinares, como, por exemplo, a correlação entre fato e local, envolvendo História e Geografia”, diz. Segundo ele, o Enem tem servido de guia sobre como os professores estão trabalhando na sala de aula, detectando onde houve erros e o que precisa ser mais trabalhado. Para ele, com



ARQUIVO MEC

Estudantes fazem a prova do Enem

essa nova proposta, os alunos estão respondendo melhor ao projeto pedagógico. O professor acredita que os estudantes apresentarão melhorias mais significativas nos próximos anos.

Na opinião da professora Rita, essa forma de trabalhar é o melhor caminho para a melhoria da qualidade do ensino. “O estudante não pode colecionar conhecimentos; o importante é saber o que fazer com esse conhecimento e ir progredindo.” É o que também defende a sua colega de escola, a professora de Língua Portuguesa Maria Rosana Paiotti: “Queremos que os estudantes estejam preparados para a vida, que façam uma leitura crítica do mundo e saibam impor suas idéias.” Para ela, o bom resultado na avaliação não atinge só os estudantes, mas toda a comunidade escolar: “O êxito do aluno é o êxito do professor e da escola, e o fracasso também.”

Obstáculos — Mas a mudança das políticas pedagógicas não tem sido de fácil implantação dentro das escolas, principalmente naquelas onde faltam recursos básicos para aprimorar o aprendizado do aluno. É o que conta o professor de Geografia Celso Lima Valente, do Colégio Estadual Joaquim Nogueira, de Fortaleza (CE): “As idéias são muito boas e as aprovamos, mas os estudantes do ensino médio precisam de material didático, as escolas precisam estar mais bem equipadas e os professores precisam ter mais acesso aos programas de capacitação para que possamos desenvolver melhor essas novas propostas. Assim, com certeza, ampliaríamos o nível escolar.”

A formação do docente também é uma das preocupações da professora Maria Rosana: “O resultado do trabalho, levando em

NA BOCA DO PROFESSOR

Com o objetivo de verificar o impacto do Enem nas escolas públicas brasileiras, a equipe do informativo colheu depoimentos de sete professores do Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Paraná, que atuam em estabelecimentos de ensino que tiveram elevados índices de participantes no Exame.

“As questões do Enem são bem elaboradas e apresentam um nível de profundidade interessante. Exigem raciocínio lógico e não a memorização. Observo que permitem desenvolver um determinado tema de trabalho em várias disciplinas. Agridem a curiosidade do estudante. Sou defensor dessa proposta e procuro trabalhar as questões do Exame na sala de aula.”

Celso Lima Valente, professor de Geografia do Colégio Estadual Joaquim Nogueira – Fortaleza (CE) – e coordenador voluntário do projeto “Dicas de Vestibular”, que atende a estudantes aos sábados na própria escola.

“Sempre incentivamos a participação dos estudantes no Enem e usamos as questões do Exame em nossas provas. Comentamos com frequência a inteligência das questões do Enem, pois exigem muita leitura e conhecimento. A avaliação do estudante é também a avaliação do professor e da escola. O êxito do aluno é o êxito do professor e da escola, e o fracasso, também”.

Maria Rosana Paiotti, professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Odilon Batista Jordão – Pilar do Sul (SP).

“Em relação às questões do Enem, percebo que na última avaliação elas foram abordadas de forma interdisciplinar, não tratando isoladamente os conteúdos. As questões abordaram os conhecimentos de diversas áreas: literatura, história, geografia, tudo ao mesmo tempo. Destaco também as competências e habilidades avaliadas. Elas se tornaram importantes subsídios na preparação dos nossos projetos, das nossas aulas, pois demonstram claramente o que o aluno tem que saber ao concluir o ensino médio. Antes o Enem se parecia mais com o vestibular, mas o último está mais próximo de temas como ética, família, o papel do cidadão. Todas as questões foram estudadas pelos professores nas nossas reuniões pedagógicas. O Exame está envolvido no cotidiano da escola.”

Sílvia Aparecida Mano, professora de História da Escola Estadual Clóvis Salgado – São Sebastião do Paraíso (MG).

“Não temos muitos exemplos de como trabalhar de maneira interdisciplinar e contextualizada; por isso, o Enem nos traz exemplos práticos. Utilizamos suas questões como exercício em classe e, a partir daí, criamos novos exercícios.”

Rita Aparecida de Proença Carvalho, professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Odilon Batista Jordão – Pilar do Sul (SP).

“Na escola não trabalhamos em função do Enem, mas procuramos desenvolver atividades de forma contextualizada. Apesar de não discutir os aspectos do Enem, incentivo a participação dos alunos e gosto da qualidade da prova.”

Ricardo Paiva, gerente de Ensino Médio e professor de Educação Física do Cefet Espírito Santo – Vitória (ES).

“Em relação à escola pública, o Enem possibilita detectar como os estudantes estão indo, de forma geral, onde houve falhas e em que precisamos trabalhar mais. O Enem reforça a interdisciplinaridade. Ele serve como um guia de como estamos trabalhando na sala de aula, principalmente para dar mais potencial ao aluno, de ter liberdade de escolha. O Enem não serve só para o vestibular, mas para a vida.”

Chase Stanley, professor de História do Centro de Ensino Médio do Setor Oeste – Brasília (DF).

“O Enem possibilita verificar de forma mais genérica todo o ensino médio, permitindo realizar ações onde houve as maiores deficiências. O Enem também fez com que ampliássemos o trabalho interdisciplinar na escola. Juntamos Física, Matemática, História, todas as matérias, de uma forma ou de outra, em atividades de interdisciplinaridade.”

Tony Marcio Grach, professor e coordenador de Física do Colégio Estadual do Paraná – Curitiba (PR).

conta as habilidades e as competências, é gratificante, mas, com certeza, é mais difícil; por isso, o professor precisa estar muito preparado. Se não tiver uma leitura geral do mundo, como poderá ele ensinar o aluno?” Para a professora Sílvia, é necessário fazer um trabalho de base na escola e não apenas com os estudantes que estão concluindo a educação básica. Ela sente ainda a lentidão com que as propostas de mudança chegam à escola: “A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) chegou de forma morosa à escola, e apenas há cerca de um ano é que esta matriz de competências e habilidades chegou”, argumenta a professora, que também visualiza muita resistência por parte dos professores, mas acredita que os efeitos dessa nova proposta serão benéficos.

OS RESULTADOS DO ENEM PODEM AJUDAR A ESCOLA:

- subsidiar a preparação de projetos pedagógicos;
- provocar mudanças na forma de avaliar;
- mudar práticas pedagógicas, reforçando o trabalho interdisciplinar;
- dar um novo sentido aos conhecimentos adquiridos pelos alunos, estimulando sua aplicação no cotidiano;
- identificar as dificuldades, mudar na prática, por conta da estrutura da escola, do preparo do professor e das exigências legais definidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e pelos conselhos estaduais, municipais e nacional de educação.

ESCOLAS TÉCNICAS, UNIVERSITÁRIAS E MILITARES SÃO DESTAQUE NO ENEM

Levantamento realizado a partir dos resultados do Enem 2002 mostrou que a maioria dos alunos com bom desempenho no Exame estuda em escolas particulares. Dos estabelecimentos públicos, as notas mais elevadas são, em geral, de estudantes dos centros tecnológicos, colégios universitários e escolas militares das redes federal e estadual.

Na avaliação do ano passado, em 82 estabelecimentos de ensino, a nota média do conjunto dos alunos que participaram do Enem foi de 60 pontos ou mais, numa escala de zero a 100. Desse total, 64 são particulares e 18, públicos, sendo 13 federais e cinco estaduais. Das instituições públicas, cinco são Cefets; três, colégios universitários; quatro, militares; e cinco, escolas técnicas.

O bom desempenho dessas escolas públicas decorre de estrutura de funcionamento bem parecida à encontrada na elite da rede privada. Gasto médio por aluno bem acima do destinado aos estabelecimentos públicos, professores com formação adequada e mais bem remunerados, escolas bem equipadas e, principalmente, o conjunto do alunado integrante das classes socioeconômicas mais elevadas. E isso faz a diferença.

Em seu estudo “*Escolas de ensino médio em Belo Horizonte: as campeãs e as que oferecem mais ao aluno*”, o professor da Universidade Federal de Minas Gerais e doutor em Estatística pela Universidade de Wisconsin (EUA) José Francisco Soares revela que “uma escola que recebe alunos melhor preparados e apoiados por famílias que têm os meios e os conhecimentos pro-

duzirá alunos que se saem melhor nas provas.” E acrescenta: “Estes alunos já entram sabendo mais e, ao longo do curso, aprendem com menor esforço da escola.”

Qualidade — Entre as instituições públicas com os melhores desempenhos na média do conjunto dos seus alunos, o Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo teve o maior número de participantes no Enem. No ano passado, 542 estudantes fizeram o Exame. O gerente de Ensino Médio e professor de Educação Física do Centro, Ricardo Paiva, informa que a escola não desenvolve trabalhos em função do Enem, mas tem incentivado seus estudantes a marcar presença no Exame. “Gosto da qualidade da prova”, diz.

ENTREVISTA

Dirce Gomes, diretora de Avaliação para Certificação de Competências do Inep, responsável pelo Enem

RESULTADOS:

“Há uma forte correlação entre bom desempenho de alunos tanto de escolas públicas diferenciadas, como as técnicas, as de aplicação e os colégios militares, quanto de instituições particulares, convencionais ou de renome.”

ESCOLAS PÚBLICAS:
“Escolas públicas

Mas na instituição capixaba já sopram ventos que se assemelham às propostas do Enem. “Trabalhamos as disciplinas de maneira contextualizada – hoje, nossas atividades laboratoriais são sempre voltadas para o que acontece no dia-a-dia – mas atuar de forma interdisciplinar ainda está difícil, apesar de haver sinais nesse sentido”, comenta Paiva. Segundo ele, o projeto pedagógico do Centro insere a interdisciplinaridade, mas não há reuniões periódicas para discutir o assunto. O professor relata que, no ano passado, a partir do tema “Energia”, os docentes e estudantes conseguiram desenvolver trabalhos englobando várias matérias, o que culminou numa exposição geral sobre esse assunto. “Detectamos que o aluno se envolve mais agindo dessa forma e fica mais estimulado a pesquisar e a estudar.”

convencionais também preparam alunos que conseguem bom desempenho no Enem. Isto se deve à qualidade de seu ensino e à competência e dedicação de seus professores.”

USO DO ENEM:

“Reconhecer o esforço das escolas públicas não basta para melhorar a qualidade do ensino médio. Vamos usar todas as informações que os resultados do Enem acumularam para a formulação de políticas públicas que reduzam a desigualdade no preparo da nossa juventude.”

COLÉGIO DO PARANÁ TEM O MAIOR NÚMERO DE PARTICIPANTES

Os estudantes das escolas públicas passaram a ter mais representatividade no Enem. Eles, que totalizam 80% dos concluintes do ensino médio, já correspondem a 75% dos participantes do Exame. No ano passado, entre as instituições públicas, a que teve o maior número de presentes foi o Colégio Estadual do Paraná, um dos maiores da América Latina, com cerca de quatro mil alunos em 100 turmas de ensino médio nos três turnos de funcionamento. Do colégio paranaense, 1.104 estudantes fizeram o Enem.

Para o professor e coordenador de Física do Colégio, Tony Marcio Grach, “o Enem possibilita verificar de forma mais genérica todo o ensino médio, permitindo localizar falhas a serem corrigidas”. Segundo ele, desde a implantação da LDB, a escola tem trabalhado de forma interdisciplinar. “Com o Enem, essa atividade foi ampliada. Juntamos Física, Matemática, História, todas as disciplinas, de uma forma ou de outra, em atividades interdisciplinares.”

De acordo com Grach, atualmente há um maior equilíbrio entre as disciplinas, inclusive as que estavam fora do currículo, como Sociologia e Filosofia, nas discussões dos problemas atuais. “Os estudantes estão se interessando mais pelas aulas. Hoje, eles vão para as ruas debater a Física no trânsito e

os assuntos relacionados com a crise de energia no País. Mesmo em disciplinas como Física, que dizem não gostar, vêem como ela é importante para o seu cotidiano.”

Esse processo de mudança esbarra em um problema comum das escolas públicas: as condições de trabalho do professor. De acordo com Grach, uma das maiores dificuldades do colégio é a falta de estabilidade do docente, o que pro-



LINA FARIA

voca constantes mudanças no quadro de recursos humanos. “Para entrar no clima da interdisciplinaridade, o professor precisa de tempo, e quando consegue, termina o contrato, ele sai da escola e o trabalho se perde”, adverte. Ele também visualiza deficiências na formação dos professores, o que prejudica o andamento do trabalho da escola, que, segundo ele, “tem infra-estrutura acima da média nacional, com laboratórios de ciências e informática, observatório, planetário e ginásio de esportes”.

AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO ENEM

A estrutura conceitual de avaliação do Enem vem aprimorando-se desde sua primeira aplicação, tendo como referência principal a articulação entre o conceito de educação básica e o de cidadania, tal como definidos nos textos constitucionais e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Uma matriz foi desenvolvida para representar a associação entre conteúdos, competências e habilidades, de tal forma a definir claramente os pressupostos do Enem e delinear suas características metodológicas e operacionais.

Competências são modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades são especificações das competências estruturais em contextos específicos, decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do “saber fazer”. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se possibilitando nova reorganização das competências.

As cinco competências que estruturam o Enem são desenvolvidas e fortalecidas com a mediação da escolarização formal e correspondem aos requisitos mínimos para que a interação social — a base do exercício da cidadania — possa pautar-se pela autonomia,

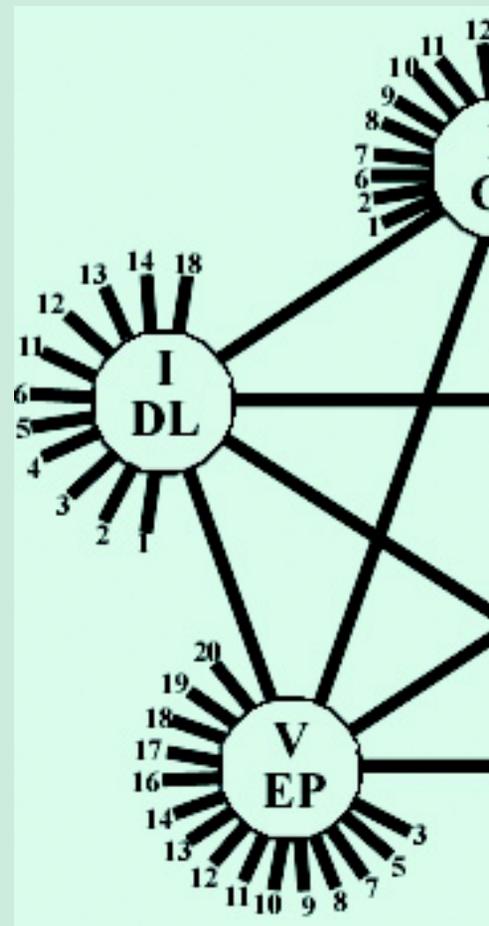
esteio das condutas nas sociedades democráticas.

Cada uma das cinco competências que estruturam o Exame, embora correspondam a domínios específicos da estrutura mental, funcionam de forma orgânica e integrada. E elas expressam-se, mais especificamente, no caso do Enem, em 21 habilidades. Este constructo de competências e habilidades, próprio do ser humano, desenvolve-se e aperfeiçoa-se desde o nascimento, na interação com o meio físico e social. Das interações contínuas realizadas pelo cidadão é que se constroem os conhecimentos, sendo, portanto, os conceitos, as idéias, as leis, as teorias, os fatos, as pessoas, a história, o espaço geográfico, a ética e os valores (o conteúdo tradicional das ciências, das artes e da filosofia) condições essenciais à construção do conhecimento.

O modelo da matriz indica as competências e habilidades gerais próprias do cidadão na fase de desenvolvimento cognitivo correspondente ao término da escolaridade básica, associadas aos conteúdos do ensino fundamental e médio, e considera como referências norteadoras o texto da LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais, os textos da Reforma do Ensino Médio e as Matrizes Curriculares de Referência para o Saeb.

A partir das competências cognitivas globais, identifica-se um

A RELAÇÃO DA PROVA COM AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES



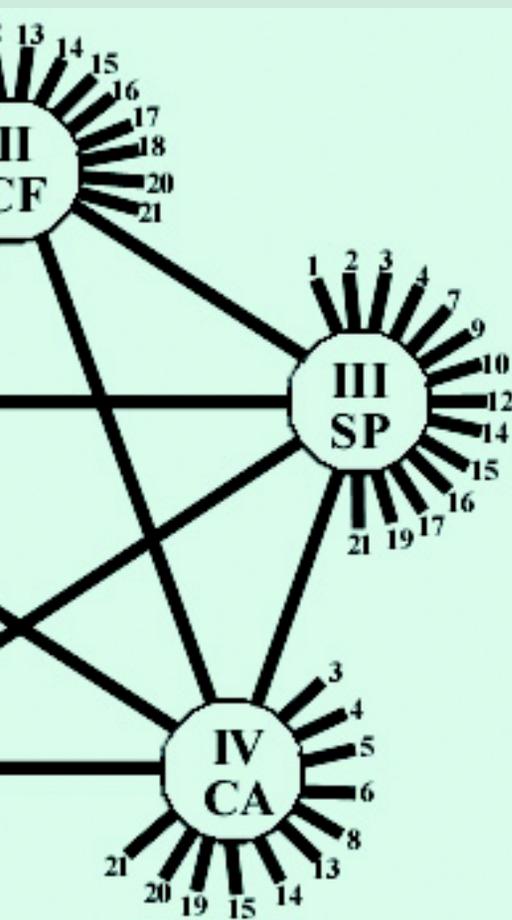
elenco de habilidades correspondentes, e a matriz assim construída fornece indicações do que se pretende valorizar nessa avaliação, servindo de orientação para a elaboração de questões sobre as diferentes áreas do conhecimento.

COMPETÊNCIAS

I - Dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das

COMPETÊNCIAS

- I. Dominar linguagens
- II. Compreender fenômenos
- III. Enfrentar situações-problema
- IV. Construir argumentação
- V. Elaborar propostas



O diagrama mostra a relação entre as questões da prova e cada uma das habilidades, e entre estas e as competências, de modo a permitir uma avaliação global do desempenho do participante e uma interpretação desse desempenho em cada uma das cinco competências.

Observe-se, por exemplo, que a competência II é avaliada pela prova 51 vezes. As 63 questões são de igual valor e o total de pontos obtidos é colocado em uma escala de 0 a 100.

O instrumento permite também que o desempenho em cada uma das cinco competências seja igualmente representado numa escala de 0 a 100.

linguagens matemática, artística e científica.

II - Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

III - Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferen-

tes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

IV - Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

V - Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e con-

siderando a diversidade socio-cultural.

HABILIDADES

1 - Dada a descrição discursiva ou por ilustração de um experimento ou fenômeno, de natureza científica, tecnológica ou social, identificar variáveis relevantes e selecionar os instrumentos necessários para a realização ou interpretação do mesmo.

2 - Em um gráfico cartesiano de variável socioeconômica ou técnico-científica, identificar e analisar valores das variáveis, intervalos de crescimento ou decréscimo e taxas de variação.

3 - Dada uma distribuição estatística de variável social, econômica, física, química ou biológica, traduzir e interpretar as informações disponíveis, ou reorganizá-las, objetivando interpolações ou extrapolações.

4 - Dada uma situação-problema, apresentada em uma linguagem de determinada área de conhecimento, relacioná-la com sua formulação em outras linguagens e vice-versa.

5 - A partir da leitura de textos literários consagrados e de informações sobre concepções artísticas, estabelecer relações entre eles e seu contexto histórico, social, político ou cultural, inferindo as escolhas dos temas, gêneros discursivos e recursos expressivos dos autores.

6 - Com base em um texto, analisar as funções da linguagem, identificar marcas de variantes linguísticas de natureza sociocultural, regional de registro ou de estilo, e explorar as relações entre as linguagens coloquial e formal.

7- Identificar e caracterizar a con-

servação e as transformações de energia em diferentes processos de sua geração e uso social, e comparar diferentes recursos e opções energéticas.

8 - Analisar criticamente, de forma qualitativa ou quantitativa, as implicações ambientais, sociais e econômicas dos processos de utilização dos recursos naturais, materiais ou energéticos.

9 - Compreender o significado e a importância da água e de seu ciclo para a manutenção da vida, em sua relação com condições socioambientais, sabendo quantificar variações de temperatura e mudanças de fase em processos naturais e de intervenção humana.

10 - Utilizar e interpretar diferentes escalas de tempo para situar e descrever transformações na atmosfera, biosfera, hidrosfera e litosfera, origem e evolução da vida, variações populacionais e modificações no espaço geográfico.

11 - Diante da diversidade da vida, analisar, do ponto de vista biológico, físico ou químico, padrões comuns nas estruturas e nos processos que garantem a continuidade e a evolução dos seres vivos.

12 - Analisar fatores socioeconômicos e ambientais associados ao desenvolvimento, às condições de vida e saúde de populações hu-

manas, por meio da interpretação de diferentes indicadores.

13 - Compreender o caráter sistêmico do planeta e reconhecer a importância da biodiversidade para preservação da vida, relacionando condições do meio e intervenção humana.

14 - Diante da diversidade de formas geométricas planas e espaciais, presentes na natureza ou imaginadas, caracterizá-las por meio de propriedades, relacionar seus elementos, calcular comprimentos,

Competências são modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer.

áreas ou volumes, e utilizar o conhecimento geométrico para leitura, compreensão e ação sobre a realidade.

15 - Reconhecer o caráter aleatório de fenômenos naturais ou não e utilizar em situações-problema processos de contagem, representação de frequências relativas, construção de espaços amostrais, distribuição e cálculo de probabilidades.

16 - Analisar, de forma qualitativa ou quantitativa, situações-problema referentes a perturbações

ambientais, identificando fonte, transporte e destino dos poluentes, reconhecendo suas transformações; prever efeitos nos ecossistemas e sistema produtivo e propor formas de intervenção para reduzir e controlar os efeitos da poluição ambiental.

17 - Na obtenção e produção de materiais e insumos energéticos, identificar etapas, calcular rendimentos, taxas e índices, e analisar implicações sociais, econômicas e ambientais.

18 - Valorizar a diversidade dos patrimônios etnoculturais e artísticos, identificando-a em suas manifestações e representações em diferentes sociedades, épocas e lugares.

19 - Confrontar interpretações diversas de situações ou fatos de natureza histórico-geográfica, técnico-científica, artístico-cultural ou do cotidiano, comparando diferentes pontos de vista,

identificando os pressupostos de cada interpretação e analisando a validade dos argumentos utilizados.

20 - Comparar processos de formação socioeconômica, relacionando-os com seu contexto histórico e geográfico.

21 - Dado um conjunto de informações sobre uma realidade histórico-geográfica, contextualizar e ordenar os eventos registrados, compreendendo a importância dos fatores sociais, econômicos, políticos ou culturais.

ANÁLISE DE QUESTÕES DO ENEM

QUESTÃO 7

Érico Veríssimo relata, em suas memórias, um episódio da adolescência que teve influência significativa em sua carreira de escritor.

“Lembro-me de que certa noite – eu teria uns quatorze anos, quando muito – encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam “carneado”. (...) Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse cabodo pode agüentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? (...)”

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a idéia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.”

VERÍSSIMO, Érico. Solo de Clarineta. Tomo I. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

Neste texto, por meio da metáfora da lâmpada que ilumina a escuridão, Érico Veríssimo define como uma das funções do escritor e, por extensão, da literatura,

- (A) criar a fantasia.
- (B) permitir o sonho.
- (C) denunciar o real.
- (D) criar o belo.
- (E) fugir da náusea.

PERCENTUAIS DE RESPOSTA

A	B	C	D	E
11	22	51	4	11

Habilidade: 05

Essa questão apresenta para leitura e análise um trecho de Solo de Clarineta em que Érico Veríssimo relata uma experiência de juventude e dela constrói uma metáfora para revelar o que ele entende ser uma das funções essenciais da literatura. “Lâmpada”, “vela”, “fósforos” devem ser lidos como a palavra comprometida em traduzir a realidade do mundo. Ou seja, afirmar que o escritor deve “fazer luz sobre a realidade de seu mundo”, nesse contexto, equivale a afirmar que um papel da literatura é denunciar o real. Todas as alternativas propostas referem-se a eventuais funções da literatura. Apenas a alternativa C é pertinente o contexto e foi escolhida por cerca de metade dos participantes.

QUESTÃO 11

A coleta de favas é feita por famílias inteiras de trabalhadores rurais (não-proprietários). Enquanto o jovem apanhador de favas pode ganhar até R\$7,50 por dia, os demais trabalhadores adultos ganham, em média, R\$5,12 por dia, podendo dedicar-se a outras atividades extrativistas: a coleta de pequis e panãs, frutos vendidos à beira da estrada, e de lenha, vendida a pequenos compradores. A tabela apresenta a renda média anual dos jovens e adolescentes de uma cidade de Minas Gerais, com essas atividades extrativistas.

PRODUTO	RENDA MÉDIA (R\$)	RENDA ANUAL (R\$)	PARTICIPAÇÃO (%) NA RENDA TOTAL
PEQUI	25 (SACA)	500	56,81
PANÃ	2 (UNIDADE)	80	9,09
FAVA-D'ANTA	5 (SACA)	60	6,81
LENHA	5 (CARROÇA)	240	27,29
TOTAL		880	100

FONTE: CIÊNCIA HOJE. JUNHO DE 2000.

Foram feitas as seguintes afirmações sobre a importância socioeconômica do extrativismo da fava-d'anta:

- I. A desinformação impede qualquer controle da situação por parte dos coletores, aos quais cabe apenas o papel de trabalhadores braçais.
- II. O retorno financeiro para a população é compatível com a importância dos produtos derivados da fava.
- III. A atividade é menos rentável porque, entre os compradores de favas, existem atravessadores, ao contrário do que acontece na venda do pequi.
- IV. A atividade eleva o salário diário do trabalhador, representando a fonte mais importante de sua renda anual.

Está correto apenas o que se afirma em

- (A) I, III e IV.
- (B) II, III e IV.
- (C) I e III.
- (D) II e IV.
- (E) I e IV.

PERCENTUAIS DE RESPOSTA				
A	B	C	D	E
15	8	51	9	17
Habilidade: 08				

Neste item os participantes devem utilizar dados dos enunciados e da tabela para avaliar a importância socioeconômica do extrativismo da fava-d'anta. A afirmação I está correta e se confirma no texto: 'Embora os moradores da região tenham um vasto conhecimento sobre hábitos e usos da fauna e flora locais, pouco ou nada sabem sobre...o destino e aproveitamento da matéria-prima extraída da fava d'anta'. A afirmativa II está errada, já que as favas têm lugar garantido no mercado mundial e representam apenas 6,81% da baixa renda dos trabalhadores'. A afirmativa III está correta e se confirma pela observação dos dois enunciados: "Depois da coleta, as vagens são vendidas aos atacadistas locais que as revendem a atacadistas regionais, estes sim,

os revendedores de fava para as indústrias..." e "a coleta de pequis e panãs, frutos vendidos à beira da estrada...". A afirmação IV está errada e se confirma pela baixa participação na renda total apresentada na tabela. Participantes que optaram pelas alternativas A, B, D e E (49%) acreditam ser possível que a atividade menos rentável para os trabalhadores possa ser a fonte mais importante de sua renda anual. O que está completamente errado de acordo com os dados fornecidos e com o senso comum. A resposta correta foi assinalada por cerca de metade dos participantes.

QUESTÃO 39

Considere o papel da técnica no desenvolvimento da constituição de sociedades e três invenções tecnológicas que marcaram esse processo: invenção do arco e flecha nas civilizações primitivas, locomotiva nas civilizações do século XIX e televisão nas civilizações modernas.

A respeito dessas invenções são feitas as seguintes afirmações:

- I. A primeira ampliou a capacidade de ação dos braços, provocando mudanças na forma de organização social e na utilização de fontes de alimentação.
- II. A segunda tornou mais eficiente o sistema de transporte, ampliando possibilidades de locomoção e provocando mudanças na visão de espaço e de tempo.
- III. A terceira possibilitou um novo tipo de lazer que, envolvendo apenas participação passiva do ser humano, não provocou mudanças na sua forma de conceber o mundo.

Está correto o que se afirma em:

- (A) I, apenas.
- (B) I e II, apenas.
- (C) I e III, apenas.
- (D) II e III, apenas.
- (E) I, II e III.

PERCENTUAIS
DE RESPOSTA

A	B	C	D	E
5	58	9	13	15

Habilidade: 21

A questão propõe ao participante uma reflexão sobre um dos temas mais complexos dos estudos históricos: as conseqüências das inovações tecnológicas não apenas no domínio da natureza, mas também sobre a própria visão de mundo dos homens que as criaram. A formulação da questão leva o participante a tornar consciente e explicitar que a práxis é motivada pelas necessidades humanas, mas que ela desencadeia igualmente processos nem sempre controlados ou previstos no seu início. Nesse sentido, há mesmo uma sutil ironia na afirmação III, pois a referida imprevisibilidade não implica forçosamente a “passividade” do ser humano diante do fenômeno desencadeado, nem tampouco “constância” em sua forma de conceber o mundo: para responder corretamente a questão, o participante deveria representar mentalmente um princípio dialético segundo o qual, na História, todo movimento gera movimento. Cerca de 60% dos participantes assinalaram corretamente a alternativa B. As escolhas em C, D e E (37%) revelam, possivelmente, a crença de que as invenções, em particular a televisão, não provocaram mudanças na forma do ser humano conceber o mundo.

QUESTÃO 54

A tabela refere-se a um estudo realizado entre 1994 e 1999 sobre violência sexual com pessoas do sexo feminino no Brasil.

LEVANTAMENTO DOS CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL POR FAIXA ETÁRIA

TIPIFICAÇÃO DO AGRESSOR IDENTIFICADO	CRIANÇAS		ADOLESCENTES		ADULTAS	
	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%
PAI BIOLÓGICO	13	21,7	21	13,9	6	6
PADRASTO	10	16,7	16	10,6	0	0
PAI ADOTIVO	1	1,6	0	0	0	0
TIO	7	11,6	14	9,4	1	1,4
AVÔ	6	10,0	0	0	1	1,4
IRMÃO	0	0	7	4,6	0	0
PRIMO	0	0	5	3,4	1	1,4
VIZINHO	10	16,7	42	27,8	19	27,9
PARCEIRO E EX-PARCEIRO	-	-	13	7,5	17	25,2
CONHECIDO (TRABALHO)	-	-	8	5,3	5	7,3
OUTRO CONHECIDO	13	21,7	25	16,5	18	26,5
TOTAL	60	100	151	100	68	100

(-) NÃO APLICÁVEL

FONTE: JORNAL DA UNICAMP, Nº 162. MAIO DE 2001.

A partir dos dados da tabela e para o grupo feminino estudado, são feitas as seguintes afirmações:

- I. A mulher não é poupada da violência sexual doméstica em nenhuma das faixas etárias indicadas.
- II. A maior parte das mulheres adultas é agredida por parentes consanguíneos.
- III. As adolescentes são vítimas de quase todos os tipos de agressores.
- IV. Os pais, biológicos, adotivos e padrastos, são autores de mais de 1/3 dos casos de violência sexual envolvendo crianças.

É verdadeiro apenas o que se afirma em

- (A) I e III. (B) I e IV. (C) II e IV. (D) I, III e IV. (E) II, III e IV

PERCENTUAIS
DE RESPOSTA

A	B	C	D	E
15	9	8	49	18

Habilidade: 12

Essa questão apresenta uma tabela com dados sobre violência sexual cometida contra pessoas do sexo feminino de diferentes faixas etárias e pretende que o participante seja capaz de analisar aspectos dessa pesquisa para uma melhor compreensão do fato. Cerca de metade dos participantes fizeram uma leitura correta da tabela e assinalaram a alternativa D. As demais opções foram feitas por aqueles que provavelmente não associaram as afirmações aos dados da tabela.

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ENEM

OBJETIVO: O Enem permite aos estudantes fazerem uma auto-avaliação dos conhecimentos e das habilidades desenvolvidos ao longo da educação básica, com a finalidade de saber como está sua formação para integrar efetivamente à sociedade. Além disso, serve para orientar as escolhas futuras em relação à continuidade dos estudos e à participação no mercado de trabalho. Os resultados do Enem também são utilizados nos vestibulares de mais de 400 instituições de ensino superior. O Exame visará, ainda, subsidiar o Ministério da Educação, as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e as escolas nas ações que visam melhorar a qualidade do ensino.

INSCRIÇÃO: De 12 a 23 de maio de 2003, na própria escola.

APLICAÇÃO DA PROVA: Dia 31 de agosto de 2003, domingo, com início às 13h e término às 18h (horário de Brasília).

PARTICIPANTES: O Enem é voluntário e podem se inscrever os alunos que estão terminando o Ensino Médio no ano de 2003 e todos aqueles que já concluíram esse nível de ensino, inclusive os que fizeram a Educação de Jovens e Adultos (o antigo supletivo). É aconselhável que os alunos matriculados no 1º e 2º anos do ensino médio prestem o Exame no período mais adequado, que é o 3º ano do curso. Todos aqueles que já realizaram o Enem em anos anteriores também podem participar da edição de 2003.

VALOR DA TAXA DE INSCRIÇÃO: R\$ 32,00.

GRATUIDADE: Estão dispensados de pagar a taxa de inscrição todos os alunos do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas – federais, estaduais e municipais. O Exame também será gratuito para os estudantes carentes do 3º ano da rede particular, mediante

declaração de carência. Também não precisarão pagar a taxa de inscrição os concluintes do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – o antigo Supletivo – que tenham terminado todos os exames entre abril de 2002 e abril de 2003. Finalmente, está isento da taxa de inscrição todo estudante carente que concluiu em anos anteriores o Ensino Médio, mediante declaração de que é carente.

CONFIRMAÇÃO DA INSCRIÇÃO: Todos os inscritos receberão, pelos Correios, os seus respectivos Cartões de Confirmação de Inscrição. Nesse cartão, estão o número da inscrição e o local onde deverão se apresentar para fazer a prova.

COMO SERÁ A PROVA: São 63 questões objetivas de múltipla escolha e uma redação, abrangendo as várias áreas de conhecimento em que se organizam as atividades pedagógicas da escolaridade básica no Brasil. A redação deve ter a forma de texto em prosa do tipo dissertativo-argumentativo, a partir de um tema de ordem social, científica, cultural ou política.

RESULTADOS: O participante receberá, no endereço que indicou na ficha de inscrição, o Boletim Individual de Resultados, contendo duas notas globais: uma para a parte objetiva e outra para a redação.

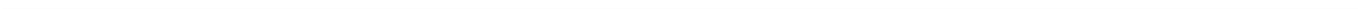
O Boletim terá também uma interpretação dos resultados obtidos em cada uma das cinco competências avaliadas nas duas partes da prova, sendo que cada uma é avaliada numa escala de zero a 100 pontos. A previsão é de que os resultados comecem a ser remetidos, pelos Correios, a partir de 11 de novembro de 2003. Haverá sigilo absoluto em relação aos resultados individuais. Somente o participante poderá autorizar a utilização dos resultados que obteve no Enem.

BOLETIM DA ESCOLA:

As escolas, que tiveram mais de 90% de seus alunos matriculados na terceira série do ensino médio presentes ao Enem, poderão solicitar um boletim com a média dos resultados de seus estudantes. Esse boletim informa também a nota média do País, possibilitando uma comparação dos resultados. O documento, que poderá solicitado pelo e-mail: enem@inep.gov.br, é gratuito para as escolas públicas. Para as escolas particulares será cobrada a taxa de R\$5,00 por aluno.

Todos os alunos da 3ª série do ensino médio podem fazer a inscrição na própria escola

ANÚNCIO



ANÚNCIO

